

COLEÇÃO “PENSAMENTO FILOSÓFICO”

ESCOLA DE BRAGA:  
A CORRESPONDÊNCIA COM DELFIM SANTOS

Filipe Delfim Santos & José António Alves, orgs.

**ESCOLA DE BRAGA:  
A CORRESPONDÊNCIA COM DELFIM SANTOS**

Braga - 2011

## Ficha Técnica

Título: Escola de Braga: A Correspondência com Delfim Santos

Organizadores: Filipe Delfim Santos e José António Alves

Coleção: Pensamento Filosófico

Edição: ALETHEIA - Associação Científica e Cultural

Faculdade de Filosofia

Universidade Católica Portuguesa

Praça da Faculdade de Filosofia, 1

4710-297 BRAGA

Tel. 253 208 080

<http://www.facfil.braga.ucp.pt>

Tiragem: 300 exemplares

Design da capa: Cenarea - Comunicação e Multimédia

Composição, impressão e acabamento: Empresa do Diário do Minho, Lda.

Data: Dezembro 2011

ISBN: 978-972-697-202-0

Depósito Legal: 336494/11

© Arquivo Delfim Santos, 2011

Transcrição, estudo introdutório e bibliografia: José António Alves

Revisão, notas e posfácio: Filipe Delfim Santos

## POSFÁCIO

*Filipe D. Santos*

*«Eles fazem o que devem e fazem-no bem».*

Eduardo Lourenço dava conta a Delfim Santos em 22.10.54 da sua revolta por terem sido os jesuítas a tomarem a iniciativa de organizar o primeiro congresso de filosofia em Portugal:

«Não há dúvida que é um autêntico golpe de mestre jesuíta no bom e no mau sentido. Para mim é antes de mais e quase fisicamente, um golpe. Mas, fazendo esforços para conservar toda a serenidade, tenho de reconhecer que é bem feito e mesmo, embora o escreva com toda a tristeza, bem merecido. Eles fazem o que devem e fazem-no bem».

E prossegue, em tom lamentoso:

«Trata-se da Contrarreforma em todo o esplendor possível em 1955, trata-se de arregimentar o pensamento nacional sob uma cor única, de lhe vincular uma diretriz precisa de 'bom pensamento' e a uma tal manobra não se pode ficar indiferente».

Parecem objetivamente excessivas as considerações de Lourenço. O congresso, pensado para reunir toda a comunidade filosófica portuguesa, fora uma ideia lentamente maturada, aprendida na lição argentina do primeiro congresso nacional daquele país em 1949, ao qual a faculdade Bracarense enviara Severiano Tavares que se associara desde a partida ao representante da Faculdade de Letras de Lisboa, Delfim Santos. Nas cartas que aqui se publicam vemos como os discípulos de Loyola tiveram de vencer inúmeras resistências, formais e informais, tanto oficiais como de companheiros de ofício filosófico. Não está presente nada do triunfalismo ou do 'dirigismo' sobre a cultura filosófica atribuídos por Lourenço à intenção e realização do tão esperado congresso. E mais espantoso que a sua intempestiva indignação é o remédio que propõe Lourenço:

«Mas creio que desde já há qualquer coisa a fazer e o Senhor Doutor é das pessoas mais autorizadas para pôr mãos à obra. (...) O Senhor

Doutor já deve imaginar a que me refiro: à nado-morta Sociedade de Filosofia. Eu sei o que lhe custou já de dissabores e decepções. Sei ou prevejo os que pode custar-lhe ainda, mas nem por isso vejo neles ocasião para desistir. Agora, menos do que nunca. Muitos, todos ou poucos, é preciso que essa famigerada Sociedade nasça, exista, viva, para não apresentar ao público internacional (e o que é mais importante, a nós mesmos) a única face contrarreformista e implicitamente inquisitorial que ela lhe pode mostrar dentro em pouco. Não creio que seja uma utopia aquilo que mesmo os brasileiros conseguiram criar, segundo penso. O Senhor Doutor sabe melhor do que ninguém a cara de espanto que todos fazem quando confessamos no estrangeiro que tal Sociedade não existe».

Como o expatriado correspondente estaria a par dos passos dados por Delfim Santos com Severiano Tavares para a constituição desta sociedade, um tal remédio torna-se tão esdrúxulo quanto o diagnóstico da ‘doença’. Pelo que é estranhamente provocatória a busca de um aliado naquela trincheira onde Lourenço o tentou conseguir. Já em carta a José Marinho de 22.08.50, dizia Delfim Santos sobre o mestre e mentor de Lourenço:

«O J[oaquim] de Carvalho pretende agora fazer a Sociedade Portuguesa de Filosofia. Como sabe eu e o P.<sup>e</sup> Tavares tivemos essa iniciativa e já temos os estatutos oficialmente aprovados. Convidou-se o J. de Carvalho para presidir, que recusou porque não queria fazer parte de nada que necessitasse de ser oficializado. E agora... aparece com a iniciativa... o P.<sup>e</sup> Tavares escreveu-me furioso. E quer-se atirar a ele no Congresso (da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, out. de 1950)».

Mesmo que as lutas em redor do controle da futura Sociedade fossem renhidas, tentar colocar Delfim Santos no lado oposto ao dos jesuítas seria difícil. É certo que poucos poderiam esperar que um pensador nascido em meio ateu e cooptado na sua juventude pelo movimento protestante viria um dia a aproximar-se dos meios católicos. Havia, claro está, o precedente de Leonardo Coimbra mas não foi por sua influência que se dera essa aproximação, e sim precisamente pela viagem a Mendoza com Severiano. Aconteceu que na Argentina Delfim Santos quase ia perecendo devido a uma pneumonia aí contraída, de que o salvaram os cuidados providenciais do

seu companheiro de viagem. E tal amizade, nascida de um acaso e coincidência, iria prolongar-se até à morte do casual companheiro das peripécias argentinas. A escola de Braga, em princípio reticente ao que consideravam ser o «existencialismo não cristão» de Delfim Santos,<sup>1</sup> também pouco a pouco se iria render aos laços de simpatia criados e mantidos entre os dois antigos companheiros de jornada. Destas pequenas coincidências se faz a grande história.

A tais sucessos acresce o interesse de Delfim Santos, anterior à viagem para Mendoza, pela obra do jesuíta Francisco Suárez e em geral pelos trabalhos e estudos dos conimbricenses. Afinal quem filosofara em Portugal quase exclusivamente durante pelo menos dois séculos, quem introduzira a filosofia no Brasil, quem apresentara a herança filosófica cristã ao oriente, quem a levava aos mais longínquos territórios do mundo conhecido e desconhecido em outros dois continentes, do Maranhão ao Paraguai, e ao Tibete, à China e ao Japão, porque não poderia justamente organizar o primeiro conclave filosófico português?

Ora se algo distinguia Delfim Santos era a sua constante disposição para o diálogo aberto e sem balizamentos ideológicos. Nunca

---

1 - Em 1948, um anos antes de Mendoza, escrevia Paulo Durão em crítica bastante distanciada à *Fundamentação Existencial da Pedagogia* de Delfim Santos: «Se houvéssemos de fazer uma análise minuciosa da tese do Sr. Dr. D. S. muitos outros pontos deveríamos indicar em que, ou discordamos das afirmações do A., ou as não vemos suficientemente demonstradas. Assim, por exemplo, julgamos que só por paradoxo se pode afirmar que ‘a psicologia não é instrumento ao serviço da educação, mas sim a educação o fundamento da psicologia’. Também não logramos ver como se responde satisfatoriamente a uma objeção, que o próprio Sr. Dr. D. S. formula: ‘Educar é levar o homem... à busca do único absoluto no horizonte da vida humana: – autenticidade. Dir-se-á: mas este interesse de autenticidade tem seus limites. O desconhecimento desses limites pode ser perturbador da sociabilidade’. Por outras palavras: se cada um deve desenvolver as suas qualidades psicológicas sem qualquer preocupação doutros valores estranhos – morais, sociais ou religiosos – como será possível a vida em sociedade? O Sr. Dr. D. S. responde que ‘o problema toma aspeto diferente quando observado doutro ângulo’. A verdade, porém, é que, mesmo observado dessoutro ângulo, não logramos ver, nas explicações do Sr. Dr. D. S., solução que nos satisfizesse, para este problema que aliás é bem grave (...) O que não podemos aceitar é a atitude existencialista do tipo heideggeriano; as razões já sumariamente as indicámos acima: o método fenomenológico rigorosamente fechado dá uma conceção deformada e errónea do individuo humano que deve ser educado», Paulo Durão ALVES (1948) *Fundamentação existencial da pedagogia* do Sr. Dr. Delfim Santos, Braga: *Revista Portuguesa de Filosofia* 4: 178-180.

militara em nenhum dos facciosismos dessa época tão fértil em paixões cegas, antes acolhera sempre e ativamente apoiara as ideias de todos os que trabalhavam em prol da cultura viessem eles de onde viessem. Se a cultura europeia tanto devia aos jesuítas, não só na espiritualidade como na metafísica, na política, nas ciências, na geografia, nas línguas, na gramática, na retórica, Delfim Santos seria um dos primeiros a reconhecê-lo. É verdade que os paradigmáticos congressos de Mendoza, na Argentina (este na sua ‘segunda versão’ de 1949) e de São Paulo, Brasil (1954) tinham sido obra de homens sem ligação direta à Igreja e menos ainda à Companhia, a quem até fora retirada a preponderância no caso do mendozino. Mas que o de Portugal refletisse o peso de uma história mais longa e mais rica certamente que não constrangeria o seu sentido de justiça.

Para Eduardo Lourenço a perspetiva era outra: não houvera congresso nem viagem com algum seguidor de Loyola e, como vemos, os jesuítas nada mais representavam para ele que a odiada contrarreforma (e até a inquisição, o que é mais estranho e revelador de confusão histórica). Então que responder ao jovem e indignado correspondente?

Se a carta de Lourenço fora inesperada, a resposta de Delfim Santos, dada em 19.12.54 a tardias horas e só por descargo de consciência, seria ainda mais imprevista:

«Li e reli a sua carta e só não respondi imediatamente por não saber que lhe dizer... A situação é a que expõe na sua carta e não é possível demovê-la. A solução que propõe já foi tentada (...) Mas não, nada foi possível e eu já estou descrendo de que, nas circunstâncias atuais, seja possível fazer outra coisa [diferente] do que nada fazer. Eu irei lá como sempre, só, e também nada mais desejo. Não pertença a nenhum coro e a minha situação profissional é também a mesma: sempre só. A ‘coisa’ não me indignou tanto a mim como a si, pois ela é consequência de outras que imensamente me têm indignado. Era o esperado. Pois não lhe parece?»

Terá Lourenço entendido o que Delfim Santos quis transmitir, mesmo sem «saber que lhe dizer»?... A que se refere Delfim com as outras coisas que o têm indignado? Ao falhanço da Sociedade Portuguesa de Filosofia? À divisão sectária da comunidade filosofante e aos sectarismos que afinal nada têm de filosófico? Delfim Santos

não quis deixar clara a sua intenção, e após agradecer a «prova de confiança que a sua carta testemunha», declara de forma esfingica e metaepistolar:

«P.S. Talvez esta carta lhe pareça evasiva. É-o na verdade».

Estava eludido o sim e o não. Era a única resposta possível e Eduardo Lourenço só poderia constatar que o professor de Lisboa, com a sua ironia, produzira afinal aquilo que ele certamente qualificaria igualmente como uma resposta digna «de mestre jesuíta no bom e no mau sentido».

E tal foi efetivamente a intenção de Delfim Santos, amigo de Severiano Tavares, seu parceiro no esforço de criação da Sociedade Portuguesa de Filosofia e participante empenhado no Primeiro Congresso Português de Filosofia.<sup>2</sup>

---

2 - O texto integral de ambas as cartas acha-se publicado em <http://leduardolourenco.blogspot.com/2011/11/correspondencia-com-delfim-santos-1954.html>.